

POLÍTICA ECONÔMICA

Economistas acreditam que choque vem logo

As apostas variam sobre o prazo: no máximo, não passa do começo de outubro

SUELY CALDAS

RIO — O governo continua negando, mas entre economistas, banqueiros, empresários e políticos, poucos ainda acreditam que o plano de estabilização da economia não virá logo. Alguns, como o economista Daniel Dantas, principal executivo do Banco Itatu, apostam que pode não sair imediatamente, mas "não passa do início de outubro". Outros, como Paulo Guedes, diretor do Banco Pactual, acham que não demora nada e pode mesmo ser

A PRESSÃO POR UM CHOQUE JÁ EXTRAPOLOU O PMDB E CHEGOU AO PSDB

divulgado esta semana. Os políticos pressionam e a direção do PMDB chegou a adiar a reunião que decidirá o apoio ou não do partido ao governo para depois de terça-feira, quando seria feito o pronunciamento do ministro Fernando Henrique Cardoso. A equipe econômica acreditava que executar o plano antes do

ajuste fiscal e da revisão constitucional seria colocar o carro à frente dos bois, mas a entrada de André Lara Resende e de Pêrsio Arida no grupo parece ter invertido essa crença e passou a espalhar cheiro forte de choque no ar. O economista Edmar Bacha, assessor especial do ministro da Fazenda, garante que "não vai acontecer nada enquanto não forem garantidas as precondições para um plano ter sucesso". No momento, diz ele, o governo vai perseguir o ajuste fiscal, acelerar a privatização, equilibrar o orçamento de 94, reformar a Constituição para dar ao governo flexibilidade gerencial sobre os recursos públicos, finalizar a negociação com Estados e municípios e definir as regras de

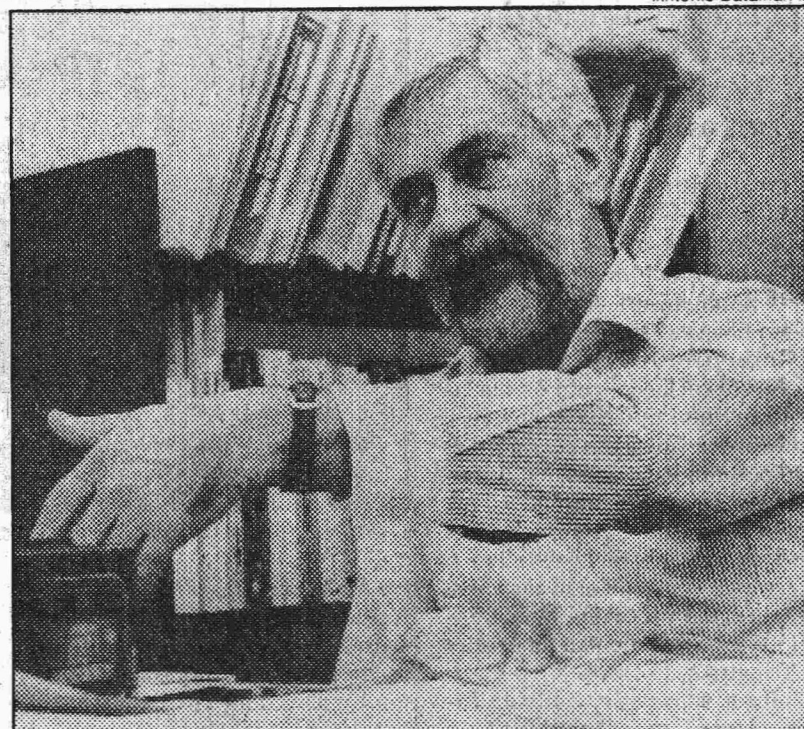
controle do Banco Central sobre os bancos estaduais. Ele nega que haja divergências na equipe e classifica de "bobagem" comentários de que as idéias de dolarização de André Lara Resende e Pêrsio Arida estariam tomando conta do PSDB e superando a posição mais cautelosa da dupla Bacha-Fritsch, que defende a desindexação só em janeiro/fevereiro, quando as precondições seriam alcançadas.

Com a inflação subindo a índices de 35% em setembro e perspectivas de mais alguns pontos em outubro, é difícil imaginar que o ministro e sua equipe continuarão assistindo passivamente a este ga-

lope, buscando apenas o ajuste fiscal. Mas Fernando Henrique Cardoso vive um dilema: ele tem dúvidas quanto ao sucesso de um choque neste momento, quando não há ainda vitórias significativas em relação às chamadas precondições.

A equipe sabe também que congelar preços (o que seria inevitável

num plano com medidas fortes) em plena entressafra agrícola põe em risco já de início um recurso básico de qualquer plano sério de estabilização: o respeito às suas regras. Com a entressafra, até outubro os preços dos produtos agropecuários sofrerão pressão para cima por força de fatores de mercado e dificilmente o congelamento será respeitado. A pressão por um choque, porém, já extrapolou o PMDB e chegou às lideranças do PSDB, partido do ministro Fernando Henrique. Até seu presidente, Tasso Jereissati, um admirador das idéias dolarizantes de André Lara Resende, já estaria pressionando o ministro para adotar medidas mais fortes para fazer cair a inflação.



Bacha nega divergências na equipe econômica do governo

Pode haver congelamento

Estimulado pela euforia de notícias de choque que dominaram o mercado financeiro, o economista Daniel Dantas afirma não ter mais dúvidas: o plano de estabilização é iminente e a equipe trabalha num programa completo, para valer, sem vacilações ou etapas interdiárias.

Segundo Dantas, o governo vai mesmo congelar o câmbio, mas com flexibilidade de reajustá-lo quando necessário, diferente do modelo argentino que "engessou" o dólar desde o início do plano e hoje enfrenta uma diferença cambial de 50%.

"A equipe é da melhor qualidade, o Brasil tem ativos valiosos, o superávit comercial é mais do que suficiente, as reservas cambiais idem". Por que não fazer o choque agora?, indaga.

O economista reconhece que o Plano Cruzado fracassou porque não contemplou o ajuste fiscal e que as atuais condições da economia brasileira "não são perfeitas", mas argumenta que a "Argentina e a Bolívia promoveram seus ajustes



Dantas: "Por que não agora?"

em condições bem piores".

Não é porque o Cruzado deu errado que a equipe de Fernando Henrique Cardoso vai se imobilizar diante da inflação: "Só não erra quem não tenta", diz. Dantas acredita que, além do câmbio, a equipe econômica deve também congelar os preços temporariamente, mas tranquiliza os credores de papéis do governo em relação a um possível calote: "Acho que não haverá mudanças na dívida pública e seu pagamento será respeitado", afirmou.

Para Cavallo, Brasil tem condições "imejorables"

JOSÉ NEGREIROS

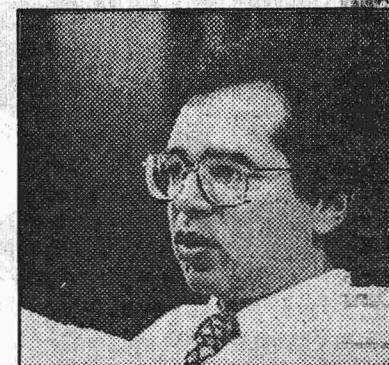
BRASÍLIA — A visita do ministro da Economia da Argentina, Domingo Cavallo, não se limitou à assinatura de documentos destinados a eliminar as barreiras comerciais com o Brasil. À margem desses entendimentos, considerados delicados pela diplomacia econômica dos dois países, Cavallo, pai da dolarização aplicada do outro lado do Rio da Prata, elogiou a atual situação da economia brasileira, segundo ele muito melhor do que a que vigorava na Argentina antes de seu plano.

"As condições aqui são 'imejorables'", afirmou o ministro argentino, utilizando um português que poderia ser traduzido para "melhor, impossível", referindo-se aos requisitos para a adoção de um plano econômico que derrube a inflação. Outro elogio de Domingo Cavallo foi dirigido à qualidade intelectual dos economistas que compõem a equipe do ministro Fernando Henrique Cardoso. Para ele, os dois fatores se juntam para proporcionar uma rara oportunidade de a ser determinada pelo governo para desfechar seu ataque frontal à inflação.

Guedes lamenta a pressa

O economista Paulo Guedes tem uma visão diferente da de Daniel Dantas. Ele não tem dúvidas de que o ministro da Fazenda vai mesmo antecipar para esta semana o anúncio de seu plano de estabilização, mas critica e lamenta a pressa. "É preocupante implementar medidas fortes contra a inflação se não forem eliminadas suas causas." Sem equilibrar suas contas, adverte, o governo vai continuar pressionando a inflação para cobrir seu déficit. "De nada adiantarão, dessa forma, a dolarização ou outras medidas econômicas que possam ser adotadas."

Diretor do Banco Pactual, Guedes manifesta preocupação com a rolagem da dívida pública a partir da ida de André Lara Resende e Pêrsio Arida para a equipe. "Todo o trabalho de Paulo Cesar Ximenes de alongamento do prazo da dívida está ameaçado porque o governo não tem conseguido vender seus papéis a prazos mais longos." O mercado, observa, passou a desconfiar do calote e não tem feito negócios com mais de 15 dias



Paulo Guedes: preocupação

úteis de prazo.

Ele condena tanto a dolarização defendida por Pêrsio Arida quanto o plano de duas moedas pregado por André Lara Resende e teme que as idéias dos dois prevaleçam sobre o programa gradual defendido por Edmar Bacha e Winston Fritsch, que implica em suprimir o déficit fiscal antes de desindexar a economia.

EXAME DE ORDEM ?
CURSO SÍNTESE F:229-3000